

CRENÇAS DE JOVENS A RESPEITO DO ENVELHECIMENTO E A PESSOA IDOSA

LAS CREENCIAS DE LOS JÓVENES SOBRE EL ENVEJECIMIENTO Y LAS PERSONAS MAYORES

YOUTH BELIEFS ABOUT AGING AND THE ELDERLY

Cleia Zanatta

cleia.zanatta@ucp.br

<https://orcid.org/0000-0002-9951-9771>

Cláudio Manoel Luiz de Santana

cclaudio.san@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7626-0878>

Luiz Fábio Domingos

pe.luizfabiomingos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1339-6169>

Ana Claudia da Silva Dufflis

anadufflis@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8517-2167>

Patricia Damiana da Silva Coelho

patriciadamiana@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5449-796X>

Resumo

O artigo se propôs a analisar como os jovens pensam e emitem suas opiniões em torno da pergunta: qual a opinião dos jovens sobre o envelhecimento e a pessoa idosa? Para tal, contribuíram 210 jovens no período entre 2020.2 e 2021.1 que buscaram responder a um questionário composto por 20 perguntas, elaborado pelos universitários que cursaram, naquele período, a disciplina Psicologia do Adulto e do Envelhecimento, do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis/RJ. Nortearam esta pesquisa os objetivos que ensejaram os tópicos deste artigo: Conceitos de crenças, estereótipos e preconceitos; Mito da eterna juventude e Novos paradigmas sobre o envelhecimento. A coleta de dados ocorreu de maneira virtual, através de um link repassado pelas redes sociais: *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram*. A análise dos resultados e discussão decorreram dos registros obtidos através da ferramenta *Google Forms* e foram apresentados por indicadores percentuais relativos às respostas provenientes de cada questão, evidenciando uma opinião positiva dos jovens em relação ao envelhecimento e à pessoa idosa.

PALAVRAS CHAVE: Crenças de jovens. Envelhecimento. Pessoa idosa.

Resumen

El artículo tuvo como objetivo analizar cómo piensan y expresan los jóvenes en torno a la pregunta: ¿cuál es la opinión de los jóvenes sobre el envejecimiento y las personas mayores? Y, para ello, contribuyeron 210 jóvenes en el período comprendido entre 2020.2 y 2021.1, quienes buscaron dar respuesta a un cuestionario compuesto por 20 preguntas, elaborado por estudiantes

universitários que cursaron, en ese período, la disciplina de Psicología de Adultos y Envejecimiento, de la Curso de Licenciatura en Psicología de la Universidad Católica de Petrópolis / RJ. Esta investigación se guió por los objetivos que dieron origen a los temas de este artículo: conceptos de creencias, estereotipos y prejuicios; Mito de la eterna juventud y Nuevos paradigmas sobre el envejecimiento. La recolección de datos se realizó de manera virtual, a través de un enlace proporcionado por las redes sociales: WhatsApp, Facebook e Instagram y el análisis de los resultados y la discusión resultó de los registros obtenidos a través de la herramienta Google Forms y presentados por indicadores porcentuales relacionados con las respuestas de cada pregunta, que mostró una opinión positiva de los jóvenes en relación con el envejecimiento y las personas mayores.

PALABRAS CLAVE: Creencias de los jóvenes. Envejecimiento. Anciano.

Abstract

The article proposes an analysis of how young people think and express their opinions around the question: what is the opinion of young people about aging and the elderly? And, to this end, 210 young people contributed in the period between 2020.2 and 2021.1, who sought to answer a questionnaire consisting of 20 questions, prepared by university students who attended, in that period, the discipline of Adult and Aging Psychology, of the Undergraduate Course in Psychology of Catholic University of Petrópolis / RJ. This research was guided by the objectives that gave rise to the topics of this article: relating the concepts of beliefs, stereotypes and prejudices; reflect on the contemporary connection regarding the myth of eternal youth and analyze new paradigms on aging. Data collection occurred virtually, through a link provided by social networks: WhatsApp, Facebook and Instagram and the analysis of results and discussion resulted from the records obtained through the tool, which showed a positive opinion of young people in relation to aging and to the elderly person.

KEYWORDS: Youth beliefs. Aging. Elderly.

1. Introdução

O envelhecimento populacional é um acontecimento percebido mundialmente, evidenciado por um maior aumento da população idosa em relação aos demais grupos etários. No Brasil, vêm sendo observadas significativas alterações na estrutura etária da população, resultado, dentre outras causas, das mudanças ocorridas nas taxas de mortalidade e de natalidade ao longo dos anos. Tais modificações levaram a um aumento progressivo no contingente de pessoas acima dos sessenta anos, em oposição a uma população majoritariamente jovem num passado não tão remoto (MIRANDA, MENDES & SILVA, 2016).

O fenômeno do envelhecimento da população traz consigo inúmeros desafios. Proporcionar qualidade de vida e saúde nesta fase de vida é um deles. Igualmente importante é criar condições para que as pessoas idosas possam participar ativamente da vida econômica, social e política das comunidades nas quais estão inseridas. Outro grande problema a ser enfrentado é a maneira como a velhice é vista na contemporaneidade, ou seja, o olhar que a sociedade tem sobre os idosos, que ainda parece cheio de preconceitos e estereótipos.

O preconceito contra os idosos, conhecido como “ageísmo”, diz respeito às atitudes que os indivíduos e a sociedade têm com os demais em função da idade, o que engloba preconceitos e estereótipos formados (NELSON, 2011). Revelados, por exemplo, através de atitudes e pensamentos discriminatórios e da exclusão ou limitação da participação desta população nas políticas públicas e institucionais. Esta forma de preconceito pode causar inúmeros impactos aos idosos, tais como a perda da autoestima, o isolamento social, a depressão, dentre outros.

Neste contexto de preconceito, a imagem da pessoa idosa está associada a aspectos negativos como, o declínio, à decrepitude, à ociosidade, à dependência, à decadência, ao adoecimento e ao sofrimento, tanto para quem envelhece, quanto para aqueles que fazem parte do seu círculo de convivência. A compreensão acerca do que sustenta o preconceito está diretamente relacionada ao tema crenças, que permite conhecer a grande variedade de estilos interpretativos da realidade sociocultural e das correspondentes condutas sociais, tão distintas em nossa sociedade do ponto de vista étnico, econômico, político ideológico, etc.

As bases teóricas que subsidiaram as análises e reflexões encaminhadas neste artigo transitaram entre as contribuições oriundas dos estudos da Cognição Social, da Sociologia e Psicologia, com o propósito de entrelaçar as ideias de diferentes autores com o intuito de reunir interfaces em torno do tema do envelhecimento, e novos paradigmas que assumem, nos estudos atuais da Gerontologia, uma vertente multifatorial, uma vez que envelhecer é um processo dinâmico marcado por ondulações que não se submetem a um único ou primordial fator, por exemplo, à cronologia da idade, mas transita entre esta cronologia, as condições biológicas, psíquicas, relacionadas ao labor, existenciais e, até mesmo, espirituais da pessoa.

O artigo então se propõe a analisar opiniões de jovens a respeito do envelhecimento e da pessoa idosa na perspectiva dos estudos das crenças, a partir de uma pesquisa de opinião realizada com 210 jovens. A investigação foi motivada durante as aulas da disciplina Psicologia do Adulto e do Envelhecimento, num curso de graduação de Psicologia, no período entre 2020.2 e 2021.1, no qual os estudantes mostraram-se motivados em conhecer crenças de jovens sobre a temática conduzida nas aulas.

2. Crenças, estereótipos e preconceitos

No senso comum, preconceito pode ser entendido como uma imagem prévia que fazemos de algo ou alguém, geralmente negativa; já o estereótipo é uma espécie de rótulo ou impressão generalizada sobre um grupo ou pessoa. O estudo sistemático destes conceitos pode ser realizado na Psicologia, a partir das perspectivas teóricas da Psicologia Social e da Cognição Social.

Na concepção de Augoustinus & Walker (1996), os estereótipos são definidos, de modo convencional, como representações mentais acerca de um grupo e de seus membros, sendo derivados de construções culturais de grupos sociais. Eles direcionam os recursos mentais para a codificação e recuperação de informações, servindo tanto para gerar expectativas comportamentais, que funcionam como profecias autorrealizáveis, como, também, para explicar eventos no meio social. Para esses autores (1996), os estereótipos são tanto a causa, quanto a consequência do preconceito, sendo este último por eles definido como uma avaliação de um grupo externo e seus membros. Estereótipos e preconceitos fazem discriminações contra grupos externos e seus membros com maior probabilidade, porém a discriminação também pode ocorrer por outras razões, como a ausência de preconceitos e estereótipos individuais.

Paschoal (1996, p. 41) descreve de maneira precisa a imagem negativa e pejorativa associada ao velho/velhice:

Velho é traste, problema, ônus, inutilidade; velhice é doença, incapacidade, dependência, perda, impotência. Velho é uma pessoa que atrapalha as outras, alguém que perdeu o direito à dignidade, à sobrevivência, à cidadania. A imagem que a mídia difunde tradicionalmente é a de uma pessoa encurvada (submissa), de bengala, quase cega, surda e gagá (PASCHOAL, 1996, p. 41).

O ageísmo é uma forma de preconceito entre tantas outras. Dentre todos os comportamentos sociais, o preconceito é um dos mais frequentes e nocivos, constituindo-se um grande problema para a sociedade de uma forma geral. O que vem a ser preconceito, suas causas, os processos psicológicos

inerentes a ele, como surge e como pode ser minimizado têm sido objeto de estudo da Psicologia Social desde o século passado (ARONSON, WILSON & AKERT, 2015).

Existem inúmeras definições de preconceito no âmbito da Psicologia Social, porém, uma das principais é a de Gordon Allport (1954/1979), que o define como uma atitude hostil contra um indivíduo, simplesmente por ele pertencer a um grupo socialmente desvalorizado (ALLPORT, 1979 *apud* LIMA, 2011).

Augoustinos & Reynolds (2001, *apud* LIMA, 2011) condensam as mais atuais definições acerca do tema, assinalando dois importantes aspectos na definição deste conceito: 1) uma orientação negativa em relação a membros de determinados grupos; 2) algo aversivo, injustificável, irracional, errado e inflexível.

Na perspectiva de Aronson, Wilson & Akert, (2015, p. 276), preconceito é entendido como “uma atitude hostil ou negativa, direcionada a pessoas de um grupo específico, baseada apenas no pertencimento a esse grupo”. Deste modo, ao se dizer, por exemplo, que alguém tem preconceito em relação aos idosos, significa dizer que esta pessoa tem a tendência a demonstrar um comportamento desrespeitoso para com eles antecipadamente, pelo simples fato de pertencerem a este grupo, desconsiderando suas características individuais.

Os referidos autores (2015) afirmam que qualquer pessoa pode ser vítima potencial de preconceito por pertencer a um grupo que pode vir a ser identificado a partir de características tais como: a cor da pele, a etnia, a idade, a orientação sexual, o tamanho do corpo, a deficiência física, dentre outras. E acrescenta que este não ocorre somente do grupo dominante em relação ao grupo minoritário, mas ao contrário também.

Lima (2011) considera preconceitos como atitudes e, nessa qualidade, se constituem em julgamentos antecipados que apresentam componentes cognitivos (crenças e estereótipos), afetivos (antipatias e aversões) e volitivos (tendências para a discriminação). Aronson, Wilson e Akert (2015) consideram, ainda, a existência de um componente comportamental, representado pelas ações do indivíduo.

O estereótipo, componente cognitivo do preconceito, corresponde a uma generalização em relação a um determinado grupo de pessoas, no qual características idênticas são atribuídas a praticamente todos os indivíduos do grupo, sem levar em consideração as diferenças entre eles (ARONSON; WILSON; AKERT, 2015). Em outras palavras, pode-se dizer que estereotipar significa formar uma impressão acerca de um grupo baseada numa imagem pré-concebida, generalizada e estabelecida pelo senso comum sem qualquer fundamento.

Na compreensão de Krüger (2004, p. 36), estereótipo é visto como uma:

(...) crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico, atribuído extensivamente a um agrupamento humano, formado mediante a aplicação de um ou mais critérios, como por exemplo, idade, sexo, estado civil, escolaridade, formação política e filiação religiosa. (KRÜGER, 2004. p. 36)

Ainda segundo este mesmo autor, os estereótipos podem ser classificados em positivos e negativos; e em autoestereótipos, quando voltados ao grupo ao qual se pertence e heteroestereótipos, quando direcionados a um grupo diferente daquele a que se pertence (KRÜGER, 2004). Além do mais, os estereótipos podem influenciar as condutas e o comportamento das pessoas, quando estas se encontram em interação social.

No que tange ao envelhecimento, os estereótipos positivos normalmente fazem alusão à sabedoria, experiência, conhecimento, gentileza etc. Já os negativos têm a ver com adoecimento, decrepitude, inutilidade, conservadorismo, ranzinice, dentre outros. Os autoestereótipos dizem respeito ao que os idosos pensam sobre o envelhecimento; os heteroestereótipos, por seu turno, se relacionam ao que as pessoas pensam sobre os idosos.

Os preconceitos contra os idosos baseiam-se em crenças tais como: os idosos possuem saúde debilitada; os idosos são frágeis; os mais velhos nada têm a contribuir; os velhos são um peso para a família

e para a sociedade; os idosos não podem trabalhar. Tais entendimentos revelam uma discriminação contra os idosos e precisam ser combatidos.

A partir destas contribuições os autores deste artigo motivaram-se a realizar uma investigação empírica com o intuito de conhecer as crenças de jovens manifestadas através de uma pesquisa de opinião a respeito do tema envelhecimento e como percebem a pessoa idosa.

Para Krüger (2018a), as crenças repercutem nas experiências cognitivas, afetivas e comportamentais das pessoas conforme o seu grau subjetivo de aceitação, ou seja, quanto maior for o reconhecimento da validade de uma crença, maior será a sua influência sobre as experiências pessoais. Ainda segundo este autor, crenças são estruturas simbólicas hierarquizadas, que tendem a se organizar logicamente, formando sistemas de crenças. As crenças desempenham um importante papel no conteúdo e na dinâmica dos processos de estereotipagem e preconceito, instalados e colocados em prática no decorrer de nossas vivências e experiências psicossociais.

O conceito de crença é bastante utilizado no âmbito da Psicologia Social e da Cognição Social, merecendo destaque nos aportes teóricos de Rokeach (1981) e Krüger (1995), dois influentes pesquisadores desta temática.

Krüger (2018b) define crença como “qualquer declaração feita por uma pessoa, originada da sua experiência, que pode ser de origem perceptiva ou cognitiva”, manifestada objetivamente através da linguagem oral e escrita e dotada de conteúdo simbólico. É manifestada por meio de assertivas ou proposições aplicadas à experiência pessoal, podendo expressar uma avaliação ou julgamento em relação a alguma pessoa ou, ainda, podendo ser compartilhada, como na opinião pública e nos estereótipos sociais.

Rokeach (1981), por seu turno, conceitua as crenças como inferências feitas por um observador acerca da realidade e concernentes ao que é ou não verdadeiro, bom ou bonito acerca da realidade física e social. O autor acredita que uma pessoa adulta apresente uma grande quantidade de crenças em relação a si mesma e aos outros, organizadas em sistemas psicologicamente estruturados e dotados de propriedades passíveis de serem descritas e mensuradas. As crenças, a despeito de não serem observadas diretamente, podem ser deduzidas a partir do comportamento emitido por aquele que crê.

As crenças, afirma Krüger (1998), produzem consequências na cognição, na afetividade, na conduta e no comportamento das pessoas. Trata-se de uma espécie de representação mental simbólica que todos possuem sobre os fatos, as pessoas, o mundo, bem como em relação às próprias condições internas como, por exemplo, expectativas, desejos, motivações, conflitos, sentimentos e emoções.

Em relação à forma de expressão das crenças, pode-se dizer que ocorre por intermédio da aplicação de assertivas e proposições à experiência pessoal. Elas podem tanto expressar uma avaliação ou julgamento a respeito de alguém em especial (pessoais) quanto serem compartilhadas, como é o caso da opinião pública e dos estereótipos sociais (KRÜGER, 2018b).

Krüger (2018a) pontua que as crenças são formadas a partir de experiências pessoais. Ao termo “experiência”, Krüger (1998, p. 32) atribuiu um significado que:

Inclua, além de contatos e relações que estabelecemos com o mundo social e a realidade objetiva, a consciência que temos de nossos próprios processos cognitivos, ou seja, as crenças são formuladas quer no âmbito da percepção, quer no do pensamento, raciocínio e imaginação (KRÜGER, 1998, p. 32).

O autor acima citado ressalta a importância dos processos cognitivos tais como reflexões, cogitações ou elucubrações acerca de determinado assunto, teorias, ideias, intenções, desejos, preferências, dentre outros, na origem das crenças. Salienta, ainda, o caráter pessoal da experiência formadora das crenças, explicando que, embora as pessoas estejam sujeitas à influência dos meios de comunicação social e participem de interações sociais, as crenças formadas são pessoais, porquanto sofrem a influência de processos cognitivos e condições psicológicas particulares (KRÜGER, 1998).

Rokeach (1981) afirma que as crenças têm sua gênese na experiência pessoal da percepção ou da cognição. E acrescenta que o impacto causado pelas crenças no conjunto de experiências cognitivas,

afetivas e individuais de uma pessoa está sujeito ao nível de aceitação subjetiva delas, ou seja, quanto maior o reconhecimento da validade das crenças, maior será a influência na ativação, direção e controle destas nas citadas experiências.

As crenças retratam e explicam o que aconteceu no passado e chegam até os nossos dias por intermédio dos relatos dos nossos antepassados e dos historiadores. Essas crenças oriundas de tempos remotos se unem àquelas obtidas através do processo de socialização. Tal combinação fornece conteúdo ao pensamento, molda condutas, instala hábitos oriundos de costumes antigos, favorecendo a integração do presente e do passado (KRÜGER, 2018b).

Por fim, cabe ressaltar o grande poder de influência que as crenças exercem sobre a individualidade e a coletividade, notadamente expressado através das palavras de Krüger (2018a, p. 93):

É através delas que formamos nossas identidades e obtemos conhecimento dos papéis sociais que assumimos ou iremos assumir, de como são os outros, de nossas relações interpessoais, do que nos interessa e de como poderemos proceder visando ao atendimento de nossos objetivos pessoais, de nossas responsabilidades familiares e sociais, da política com a qual estamos envolvidos.... do que poderá acontecer na história e da nossa visão de futuro pessoal (KRÜGER, 2018a, p. 93).

A partir do acima exposto, vê-se o grande poder que as crenças exercem sobre a forma como as pessoas percebem a si mesmas, aos outros e ao mundo ao redor. Elas podem impactar na maneira como estas se comportam, naquilo que sentem, pensam, e, sobretudo, no que se refere aos idosos, pode comprometer sua saúde e qualidade de vida, caso se apresentem na forma de estereótipos e preconceitos.

3. O mito da eterna juventude

Ao longo da história humana, a juventude tem sido considerada a idade ideal do ser humano, idade em que o vigor, a força, a determinação, o impulso para viver, a beleza costumam ser referências de um ser humano em sua plenitude e assim, envelhecer tende a ser percebido como ameaça, temor, ciclo de vida que se caracteriza por doenças e/ou demência e que, portanto, ameaça o mito da eterna juventude.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) mencionou que o envelhecimento da população é um dos maiores desafios da humanidade.¹ Nesse sentido, o envelhecimento populacional tem provocado demandas sociais e econômicas, que não podem ser ignoradas e que estas, ao mesmo tempo, possam desenvolver melhores condições para a saúde e a segurança dos mais idosos, pois esta parcela da população cresce significativamente em todo mundo (OLIVEIRA, 2018).

Como parte integrante de todo ser humano, o envelhecimento traz consequências significativas na vida e história de qualquer indivíduo. Existem aqueles que encaram a velhice com extrema alegria, mas existem aqueles que percebem que as alterações físicas, os défices cognitivos, as doenças, as limitações diversas, as perdas sensoriais, dentre outras (FECHINE; TROMPIERI, 2015), poderão significar um grande impacto na vida social e no bem-estar, interferindo em seu desenvolvimento pessoal.

Nesse caso, pensar no envelhecimento pode provocar uma certa repulsa por parte de muitos indivíduos indesejosos de pertencerem a esta etapa da vida, pois não somente recusam essas transformações, mas rejeitam tornarem-se um peso, um estorvo, por se considerarem incapazes, inúteis e dispensáveis (NERI, 2007). Tais aspectos fornecem substratos às crenças que são desenvolvidas e que podem abranger outras faixas etárias, como a dos mais jovens na sociedade contemporânea, provocando uma deturpação que confere ao tema envelhecer um significado negativo, o que pode ser corroborado pela pesquisa realizada pelos autores desse artigo no que se refere à afirmativa sobre os idosos como solitários, tristes, teimosos, dependentes, irritantes, nostálgicos, egoístas e feios.

Assim, as crenças de uma idade ideal provocam nos sujeitos o desejo de permanecer sempre nela, pois a autopercepção de envelhecer pode conduzir à imperfeita imagem àquele que chega à idade

¹ https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf

avançada, que nem sempre é vista como uma fase de sabedoria, mas como uma fase próxima ao declínio físico, isto é, à decadência, aproximando-o da realidade da morte. Então, “pessoas que desenvolvem visões mais negativas sobre o envelhecimento têm tendência para incluir estereótipos na sua própria visão do processo de envelhecimento” (BARROS, 2020).

A cultura e a transitoriedade da juventude provocam o desejo de perpetuar tal fase em todas as outras categorias. Valoriza-se a imagem juvenil e a beleza singular e menospreza-se a imagem da pessoa idosa. Nesse sentido, a cronologia é importante e, além disso, provoca mudanças significativas, pois vive-se em “tempos líquidos”. Assim, Bauman (2001) mencionou que: “os sólidos suprimem o tempo; para os líquidos, ao contrário, o tempo é que importa”. (BAUMAN, 2001, p. 8)

Assim, o ser humano passa a explorar na sua existência os seus próprios desejos, buscando o prazer e o sucesso, numa consciência mais individualista, diante daquilo que a vida venha a lhe oferecer. Ademais, o ser humano busca ser sempre mais eficiente, contudo, menos eficaz, tentando encontrar uma performance totalmente contrária ao que a categoria idosa lhe oferece. Nesse caso, afirmou Oliveira (2020):

(...) as representações da velhice são complexas. Se, por um lado, o movimento contemporâneo para promover o envelhecimento ativo é positivo, pois incentiva o cuidado com a saúde, a socialização e a busca pelo prazer, por outro, abre-se espaço para a discriminação e o preconceito com relação à parcela da população idosa que não corresponde às expectativas que estão sendo geradas, bem como para a supressão de direitos previamente adquiridos, uma vez que os aspectos negativos são tornados invisíveis e, portanto, não são mais debatidos pela sociedade. (OLIVEIRA, 2020, p. 27)

Apesar da juventude ser influenciada pelos estereótipos negativos que estão ligados ao envelhecimento, vale ainda mencionar que, segundo Abreu (2017), “beleza e juventude são tratadas com valores inseparáveis entre si e imprescindíveis para quem quer ter sucesso e felicidade” (ABREU, 2017, p. 133-134). Contudo, na atualidade, a juventude não está mais sendo caracterizada como uma fase da vida do ser humano, mas atribui-se a ela um valor moral. Ou seja, existe a crença de afirmar-se que quem não é jovem não é bonito, interessante, agradável, atrativo, desejável, dentre outros (MINÓ; MELLO, 2021). Entretanto, na contramão dessas informações a pesquisa revelou que numa amostra de 200 participantes, 145 jovens o que equivale a 69,05 % considera os idosos sábios; 111 jovens que corresponde a 52,86% consideram os idosos alegres; 114 deles, apontando os 54,29% julgam ser agradáveis, dentre outros.

Assim, a juventude não pode ser encarada como o parâmetro da sociedade ou o ápice da vida, nem mesmo pode ser encarada como a melhor etapa ou a mais interessante maneira de se viver. Cabe ressaltar que grande parte da mídia desenvolve tais aspectos que geram o mito da eterna juventude, criando crenças de que é possível, por exemplo criar estratégias e prolongar essa fase da vida.

As pessoas estão buscando aquilo que podem satisfazê-las e rejuvenescê-las para continuarem a enganar o tempo. Por isso, elas permanecem negando quem elas são, o que desejam, o que esperam naquele determinado momento da vida. Contudo, afirmou Paschoal (2007) que “a cada instante tornamo-nos mais velhos que no instante anterior. Todos envelhecemos e, os mais jovens, um dia, serão os idosos de seu tempo (PASCHOAL, 2007, p. 13). Por isso, o anacronismo presente na vida do ser humano está deturpando sua maneira de enxergar a realidade.

Percebe-se, então, que os desejos que perpassam a vida de todos criam condições que permitem influenciar-se o que seria inevitável: a contingência temporal. Nesse caso, a ideologia da eterna juventude está presente em grande parte da vida do indivíduo que busca, por exemplo, nas técnicas de rejuvenescimento, nos diversos cremes, nas pílulas transformadoras, nas academias de ginástica, na utilização de botox, na lipo aspiração, dentre outros meios – recomeçar sempre jovem e belo.

Em vista disso, percebe-se que o ser humano sempre desejou decifrar os segredos da eterna juventude, bem como o da eternidade em sua vida. Através dos mitos, tentou explicar fenômenos que, aos meros mortais, seria impossível. Nesse caso, “O mito do poço da eterna juventude expressa o medo das

perdas, uma manifestação do quanto é difícil viver o envelhecimento” (GOMES; LODOVICI; FONSECA, 2017).

Uma das grandes obras que reflete esse pensamento é “O Retrato de Dorian Gray” de Oscar Wilde (DALTO, 2020), que tornou-se um verdadeiro clássico, inclusive, para os dias atuais. Em 1800, Dorian Gray conhece o artista plástico e pintor Basil Hallward, que ficou enaltecido com sua beleza estupenda. O famoso retrato de Dorian eternizou sua beleza e elegância, desafiando-lhe a vender sua alma, justamente para prolongar sua beleza, pois temia a velhice, sendo, inclusive, imune à morte.

Assim, também explorou o espanhol Juan Ponce de León na busca incansável sobre a suposta Fonte da Juventude, caracterizada como uma fonte de água mágica, que podia reverter o processo de envelhecimento, até realizar as curas das doenças (GREENSPAN, 2013). Não obstante a tal fato, ainda atualmente as pessoas continuam a anunciar curas e milagres de rejuvenescimento diante de diversas fontes cosméticas.

O mito da eterna juventude só reforça que os indivíduos estão realmente preocupados em envelhecer, pois a concepção existente é a desvalorização; ou seja, ser idoso é ser descartável, é perder valor social. Nesse sentido, o “padrão de beleza”, instituído pela sociedade e mídia (AUDINO, 2012), está sendo levado em consideração, onde muitos querem usufruir dos benefícios atuais para ajeitar o nariz, refazer o rosto, dentre outras questões.

Nesse caso, evidencia-se que a supervalorização da jovialidade como um valor significativo, como uma idealização de medidas perfeitas ou de um corpo escultural, está presente em diversas etapas da vida do ser humano e, quanto mais a idade cresce, mais as frustrações aparecem, originando o medo de não seguir os padrões que a sociedade impõe. Por isso, a velhice “plastificada” surge para refazer a criação e retardar a velhice constrangedora (LIMOEIRO, 2012).

Dessa forma, o mito da eterna juventude reflete uma beleza industrializada que busca um ideal de formosura e encanto para suprimir os desconfortos do tempo e ocultar a velhice. Mas a felicidade plena e eterna não são possíveis, pois, tendo considerado tais questões, percebe-se que “a ciência promete e alardeia seu desempenho na busca da eternidade. A expectativa de vida tende a aumentar e as pesquisas têm sido feitas para que os velhos se sintam mais jovens. Mas a morte é um fato incontrolável pela ciência” (VIANA, 1992, p. 18).

Nesse sentido, no mundo das aparências, na era *fitness* que se vive atualmente, entende-se que o corpo envelhecido, conforme a idade, perde o seu significado e o seu valor. A idade cronológica é um marcador dos anos que reflete, apenas, o tempo de vida, da história de cada ser humano. Contudo, envelhecer implica em transformações e mudanças que não podem ser vistas apenas como perdas, mas como caminhos e possibilidades que passam a surgir e que precisam ser vivenciadas.

Entende-se que essas transformações são radicais e inevitáveis. Contudo, deve-se procurar meios que ajudem a superar as dificuldades dessa fase, pois, como afirmou Blessmann (2003), falando do idoso e de como experimenta a sua velhice, disse que “a cabeça se apresenta como a possibilidade de continuar sendo a mesma pessoa diante das transformações que mudam a sua aparência” (BLESSMANN, 2003, p. 161). Nesse caso, nota-se que a imagem pode mudar, mas a dimensão psicológica da velhice ainda será vivenciada e, em muitos casos, temida.

Vale ainda ressaltar que, a pesquisa apontou que 93 jovens, ou seja, 44,29% dos entrevistados, acreditam que os idosos sejam solitários, o que não significa dizer isolados socialmente, que seria, na verdade, uma experiência negativa no envelhecimento. A solidão vivenciada como um modo de vida em que a pessoa está só em seu ambiente, do ponto de vista físico, mas pode sentir-se bem, caso opte por esta maneira de viver, uma vez que, sente-se acompanhada dos projetos de vida que realiza, dos seus valores e ideais, de suas crenças, de sua rede de suporte social passa a ser vivida como solidão, isto é, viver sozinho, porém com sentimentos positivos e alegria por estar sozinho.

Por fim, pode-se concluir que não existe um milagre ou uma fórmula para burlar a velhice ou as diversas rugas que irão aparecer. Paliativos poderão até funcionar por um determinado tempo e causar boa impressão, mas sabe-se que a verdadeira fórmula para a juventude eterna é, de fato, uma verdadeira velhice

saudável, que permita qualquer indivíduo, em qualquer etapa da sua vida, compreender que o rosto vai envelhecer e o corpo vai mudar, mas o espírito deve estar sempre jovial (SOUZA, *et al.*, 2021).

4. Novos paradigmas sobre o envelhecimento

O envelhecimento populacional ganha visibilidade no cenário mundial e, juntamente a este crescente fenômeno, novas perspectivas de atenção e cuidado são pensadas e elaboradas visando a promoção e a manutenção da qualidade de vida da pessoa idosa.

No Brasil, de acordo com o Estatuto do Idoso, Lei Federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003, que contém as normas que visam proteger e defender os direitos das pessoas, considera-se idosas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. (ESTATUTO DO IDOSO, 2003).

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o número da “população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios” (IBGE, 2018, p. 12).

Para compreensão acerca do envelhecimento, estudiosos neste campo ressaltam que “há necessidade de se buscar as causas determinantes das atuais condições de saúde e vida dos idosos e de se conhecer as múltiplas facetas que envolvem o processo de envelhecimento, para que o desafio seja enfrentado por meio de planejamento adequado” (NETTO; PONTE, 1996, p. 3).

Contudo, mesmo diante dos inúmeros desafios referentes ao crescimento populacional, sabe-se que o progresso no campo da medicina, medidas sanitárias, recursos de higiene, desenvolvimento econômico, sociocultural e tecnológico, dentre outros, puderam contribuir para o caminho da longevidade.

Para Paschoal (1996), “o crescimento impressionante e rápido na proporção de pessoas mais velhas na população é um triunfo!” (PASCHOAL, 1996, p. 26). Acolher o processo de envelhecer e as conquistas que esta etapa da vida possibilita ao ser humano requer um olhar ampliado sobre esta realidade, implica em considerar que “envelhecer é um processo multidimensional que inclui transformações constantes que podem ser interpretadas, simultaneamente, como ganhos e perdas” (FONSECA *et al.*, 2013, p. 363).

Nesta perspectiva, o modo como os idosos percebem esta fase de vida, considerando o seu histórico pessoal e os contextos sociais nos quais estabelecem suas interações são relevantes para o reconhecimento de suas aquisições e potencialidades. Não basta apenas acrescentar anos ao processo de desenvolvimento da pessoa idosa, mas importa saber como este tempo está sendo vivido e com que qualidade. Interessante que Schneider & Irigaray (2008) apresentam:

O envelhecimento é um processo complexo e multifatorial. A variabilidade de cada pessoa (genética e ambiental) acaba impedindo o estabelecimento de parâmetros. Por isso, o uso somente do tempo (idade cronológica) como medida esconde um amplo conjunto de variáveis. A idade em si não determina o envelhecimento, ela é apenas um dos elementos presentes no processo de desenvolvimento, servindo como uma referência da passagem do tempo. (SCHNEIDER & IRIGARAY, 2008, p. 592).

Por vezes, popularmente escuta-se, e até mesmo por parte de alguns idosos, “agora é tempo para pendurar as chuteiras, pois não há mais o que fazer quando se é velho...”. Esse discurso reforça estereótipos negativos e crenças relativas a esta fase da vida associada ao “declínio e perdas”, porém, diante das novas perspectivas de atenção e cuidado da pessoa idosa, um olhar atento é proposto para esse tempo; dentre as muitas possibilidades, pode-se adquirir novas habilidades, novas tarefas, manter-se ativo e saudável, manter as interações (amizades, vínculos), manter a participação no contexto social, reorganizar o seu projeto de vida, “há muito que se viver, quando se é velho...”, pois o tempo de envelhecer pode significar também tempo de conquistas. Isso inclui saber que a sabedoria é apreciada por muitos jovens uma vez que, a pesquisa aponta 145 jovens, ou seja, 69,05% dos entrevistados, assim os consideram.

Mas como Neri (1995) ressalta, “envelhecer satisfatoriamente depende, pois do delicado equilíbrio entre as limitações e potencialidades do indivíduo, o qual lhe possibilitará lidar, com diferentes graus de eficácia, com as perdas inevitáveis do envelhecimento” (NERI, 1995, p. 35). De certo modo, possivelmente durante o percurso da vida, em etapas anteriores, a pessoa idosa já precisou lidar com limitações e potencialidades, e agora, mais uma vez, poderá deparar-se neste caminho: “para onde focar o meu olhar, nas perdas ou nas possibilidades”?

Moragas (1997) traz uma contribuição interessante ao pontuar que:

O enfoque da velhice como etapa vital se insere nas modernas teorias e práticas da Psicologia do desenvolvimento humano, da Sociologia do possível, do trabalho social integrador. Estas orientações científicas e profissionais destacam a unicidade da experiência humana vivenciada por cada pessoa, respeitando sua individualidade, mas inserindo-se numa sociedade de grupos fortalecidos e potencializados pela contribuição de cada indivíduo” (MORAGAS,1997, p. 19).

Ainda dentre as proposições teóricas sobre a velhice bem-sucedida, numa perspectiva de curso de vida elaborada por Baltes e Baltes (1990), julga-se oportuno destacar que: “o envelhecimento é uma experiência heterogênea, dependente de como cada pessoa organiza seu curso de vida” (BALTES,1990 apud *in* NERI, 1995, p. 35). E, sob esta ótica, ao longo do curso de vida, o cuidado da pessoa idosa e a promoção da boa saúde requerem ação integrada e contínua, bem como a ampla assistência nos mais diversos setores, como educação, economia, direito, políticas públicas, recursos humanos, assistência social, dentre outros.

Outro importante conceito a ser pensado nesta temática do envelhecimento é o conceito de envelhecimento bem-sucedido, relacionado a um conjunto de medidas fundamentais. De acordo com Veras & Lourenço (2006): “é necessário que haja a substituição simbólica das inexoráveis perdas por ganhos em outras dimensões; é preciso o atendimento às necessidades sociais, com boas condições de vida e oportunidades socioculturais, e a renovação dos projetos de vida” (VERAS; LOURENÇO, 2006, p. 20)

E ainda, acerca do envelhecimento saudável o Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde, (OMS, 2015) define que:

(...) o envelhecimento saudável é mais que apenas a ausência de doença. Para a maioria dos adultos maiores, a manutenção da habilidade funcional é mais importante. [...] O enfoque social recomendado para abordar o envelhecimento da população, que inclui a meta de construir um mundo favorável aos adultos maiores, requer uma transformação dos sistemas de saúde que substitua os modelos curativos baseados na doença pela prestação de atenção integrada e centrada nas necessidades dos adultos maiores. (OMS, RESUMO RELATÓRIO MUNDIAL DE ENVELHECIMENTO E SAÚDE, 2015, p. 4).

E, prosseguindo nesta meta de “construir um mundo favorável aos adultos maiores”, recentemente a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS, 2020), através das proposições para a “Década do Envelhecimento Saudável- 2020/2030”, estabelece que:

(...) as próprias pessoas idosas estarão no centro desse plano, que reunirá governos, a sociedade civil, agências internacionais, profissionais, a academia, a mídia e o setor privado para melhorar a vida das pessoas idosas, de suas famílias e de suas comunidades e consistirá em ações nestes 10 anos de colaboração combinada, catalítica e sustentada. (OPAS, 2020, p. 1).

Diante do acima exposto, e em virtude da complexidade do processo do envelhecimento, percebe-se que a compreensão desta fase da vida requer olhares multifacetados acerca deste processo, e a mobilização conjunta nas formas de cuidar e promover a qualidade de vida. E o pensamento de Neri sintetiza com um olhar zeloso, apontando que “como em qualquer idade, os velhos precisam das redes de relações sociais para saber que são amados, cuidados e valorizados” (NERI, 2009, p. 106).

Dentre as possibilidades de olhares, considera-se oportuno apresentar sob a ótica do pensamento de Viktor Frankl (1905-1997), médico psiquiatra, criador da Logoterapia, considerada como a Terceira

Escola Vienense de Psicoterapia, e que tem como um dos temas centrais a questão do sentido na existência humana, um caminho que pode contribuir para a qualidade de vida da pessoa idosa, este caminho refere-se a busca por um sentido na vida, a um “para quê” viver, o dedicar-se a uma missão, a algo ou a alguém, e sobretudo, perceber que “a vida está repleta de oportunidades para dotá-la de sentido” (FRANKL, 2014, p. 108).

O próprio Frankl, em seu livro de memórias, ao referir-se a velhice diz: “não reclamo por envelhecer. Gosto de dizer que o envelhecimento não me incomoda enquanto posso me convencer de que amadureço na mesma medida em que envelheço” (FRANKL, 2010, p. 147). Para Frankl, o ser humano é um ser movido por uma vontade de sentido, que o impulsiona na busca por encontrar sentidos. De acordo com os pressupostos franklianos, o ser humano é “um ser que quer encontrar para toda a sua existência e para cada situação e no interior da mesma um sentido e que depois quer realizá-lo” (FRANKL, 2016, p. 17).

Nesta direção, Kroeff (2014) lembra que: “a cada um cabe encontrar o seu sentido, aquele valor pelo qual considera que vale a pena viver” (KROEFF, 2014, p. 196). A Logoterapia apresenta algumas sugestões de caminhos nos quais se pode encontrar o sentido da vida, que seria através da realização de valores.

Em sua obra, Frankl (2014) menciona três tipos de valores que permitem encontrar sentidos na vida. Inicialmente, o valor de criação, que se refere a tudo que o ser humano pode realizar, criar ou oferecer ao mundo pelo trabalho. O que importa, não é a tarefa em si propriamente, mas o valor que a pessoa atribui a sua tarefa. E este valor pode ser realizado em boa parte da vida. Entretanto, com a chegada da aposentadoria, é provável que se pergunte: “e agora que sentido tem minha vida, se não realizo aquela tarefa tão valorosa?”, uma vez que este valor esteve associado ao trabalho. Portanto, para ajudar neste caminho, cabe, como medida preventiva, uma preparação para aposentadoria para redirecionar a pessoa a outros valores de criação, ou ainda, para outros tipos de valores, como, por exemplo, os valores de vivência (KROEFF, 2014, p. 197-198).

Os valores de vivência são experimentados nas relações com as outras pessoas, com a natureza e com o mundo. De acordo com Kroeff (2014), o fato de os idosos disporem-se de um tempo maior para suas vivências, sem ter a pressão de ter que produzir, trabalhar, dentre outros, pode, por isso, talvez desfrutar da vida, sem maiores preocupações, e estes valores assumem grande importância nesta etapa do envelhecimento.

Kroeff destaca (2014) que os valores de atitude que podem ser experimentados na vida, quando a pessoa diante dos momentos de sofrimento, morte e culpa, consegue extrair sentidos e mesmo frente as situações difíceis da vida, pode ainda sim, posicionar-se, pois para “a Logoterapia a vida sempre tem sentido independente das circunstâncias que estamos vivendo, mesmo frente a perdas e fracassos” (KROEFF, 2014, p. 199).

Os valores são conquistados ao longo da caminhada existencial da pessoa idosa, das criações realizadas, das experiências vividas e reconhecidas como significativas neste percurso de vida. Os idosos, ao olharem para o seu “celeiro existencial”, podem vislumbrar esse tempo de vida como tempo de crescimento e vitalidade, encontrar o acúmulo de suas realizações, e reconhecer a vida como significativa. “Na velhice, é bastante provável que se tenha guardado muitos tesouros... as criações, vivências, além das atitudes que fomos adotando e moldaram a nossa vida” (KROEFF, 2014, p. 202).

Considerando que a pessoa idosa pode se deparar também com suas fragilidades, será possível, de acordo com a Logoterapia, que, diante destes enfrentamentos na vida, possa escolher o seu posicionamento e não ficar apenas concentrada nas perdas que fazem parte de cada fase da vida. Pois, como enfatiza Frankl:

O importante não é que seja jovem ou velho (...) o decisivo é a questão de que seu tempo e sua consciência têm um objeto, ao qual esta pessoa se entrega, e se ela mesma tem a sensação, apesar de sua idade, de viver uma existência valiosa e digna de ser vivida (...) a sensação de existir para algo ou alguém (FRANKL apud KROEFF, 2014).

Mesmo diante da complexidade do processo do envelhecimento na era contemporânea, no caminho existencial, sempre e em cada encontro com os idosos, pode-se estar deparando com histórias únicas e irrepetíveis e com pessoas que dispõem de saberes e experiências valorosas. A visão integral e ações conjuntas podem alargar os caminhos de cuidado e a atenção para com cada idoso e, à medida que se segue, lado a lado com estes buscadores de sentido, considerando a dignidade da vida humana, seja em qual fase for, a longevidade torna-se triunfo, a existência ganha sentido e os passos se firmam no seguimento confiante de que a vale a pena viver.

5. A Pesquisa

Realizou-se uma pesquisa de campo, quantitativa, do tipo pesquisa de opinião com jovens na faixa etária entre 18 e 21 anos, de escolha aleatória, sem considerar critérios de inclusão ou exclusão, apenas a faixa etária que demarca cronologicamente o ciclo de vida denominado juventude.

Os universitários e os autores deste artigo que integram o grupo de pesquisa do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis/RJ deram início à elaboração do questionário, à coleta e à análise de dados e resultados compartilhados neste artigo.

A investigação aqui apresentada reuniu uma amostra de jovens aleatoriamente escolhidos, uma vez que a modalidade de coleta de dados não continha critérios de inclusão ou exclusão e as respostas foram obtidas conforme a motivação desses jovens, contactados pelas redes sociais, portanto, sem que os pesquisadores tivessem um controle sobre a amostra.

A coleta de dados foi feita de maneira remota, através de um *link* que apresentou a pesquisa seguida dos procedimentos éticos exigidos e o questionário composto por 20 questões objetivas. Os dados foram analisados com o apoio da ferramenta *Google Forms* e traduzidos por indicadores percentuais, mediante cada questão apresentada, que evidenciaram uma opinião positiva dos jovens em relação ao tema envelhecimento e à percepção da pessoa idosa.

Para direcionar a investigação, definiu-se como questão norteadora: qual a opinião dos jovens sobre o envelhecimento e a pessoa idosa?, o que permitiu definir os objetivos para análise da temática estudada, com os seguintes subtópicos: Mito da eterna juventude e Novos paradigmas sobre o envelhecimento.

5.1 Resultados

Participaram da pesquisa 210 jovens, sendo 63,33% compostos por mulheres e 36,67 por homens. A pesquisa levou em conta alguns indicadores para caracterizar a amostra, dentre eles: escolaridade, se exerce atividade remunerada, atividade voluntária, se possui religião, e se possui alguma prática religiosa, quantas vezes exerce essa prática por mês, por entender que estas variáveis se relaciona de maneira indireta com o tema abordado neste artigo, uma vez que o conhecimento ampliado sobre o processo de envelhecimento, o fato dos participantes estarem ocupados com uma atividade positivamente percebida como o trabalho e o voluntariado e, do mesmo modo, a prática de alguma religião, favorecem para uma percepção mais ajustada da realidade e corroboram para uma atitude mais madura na convivência humana.

Frente a esses dados, verificou-se que, quanto à escolaridade 57,14% estão cursando nível superior, 40% cursam o Ensino Médio e 2,86% o Ensino Fundamental. No que diz respeito à prática de atividade remunerada, 50,48% dizem possuir algum vínculo empregatício, enquanto 49,52% não possuem nenhum tipo de atividade remunerada.

Quando foram perguntados se praticam alguma atividade voluntária, 74,76% deles não as praticam, enquanto 25,24% o fazem. Dos que praticam, 39,62% deles o fazem 4 ou mais vezes por mês, 32,08% praticam 2 vezes ao mês e 28,3% fazem apenas 1 vez ao mês.

Sobre se possuem prática religiosa, 63,33% dos entrevistados confirmaram, enquanto 36,67% não praticam. Dos praticantes, 64,66% frequentam 4 vezes ou mais as atividades religiosas, 18,05% praticam 2 vezes, 12,03% vão apenas uma vez ao mês, enquanto 5,26% não frequentam.

No que tange a questões direcionadas às opiniões desta amostra acerca do tema do artigo, que é o envelhecimento, verificou-se que, para o grupo pesquisado no item: “o envelhecimento parece, para você, uma fase da vida...”, as respostas flutuaram entre 36,67% dos entrevistados, que consideram o envelhecimento muito bom, 36,67% acham bom, 13,33 regular, 10% ruim, 3,33% acham que é péssimo.

No que diz respeito ao item: “Você tem uma convivência com idosos?” A amostra evidencia que 88,52% dos jovens têm convivência com os idosos, comparativamente com 10,48% que não possuem, e que esta convivência, predominantemente, ocorre com os seus parentes num percentual de 84,29%, amigos 4,29%, vizinhos 4,76%, no trabalho 4,29% e os demais resultados apresentam percentual abaixo de 1%.

O outro indicador avaliado através de 3 diferentes itens relaciona-se com a convivência com os idosos e os participantes revelaram não ter medo de ficar idoso, numa proporção de 70,48%, comparativamente a 29,52% que temem ficar idosos. O outro item abordava a opinião dos jovens sobre como o Brasil trata seus idosos e 91.9% acham que o país trata mal as pessoas idosas, comparativamente ao 8.1% que admite tratá-los bem. Outro aspecto verificado diz respeito a como os jovens pesquisados sentem-se na convivência com pessoas idosas e, de modo positivo, a amostra apresenta que 89,52% sentem-se bem, comparativamente a 5,71%, que se sentem mal e 4,76% que não convivem com idosos.

Os estudos evidenciam com base nas contribuições dos Gerontologia que, de um modo geral, os idosos preferem viver em suas próprias residências, com autonomia e independência dispensando a necessidade de compartilhar suas vidas com outras pessoas no sentido de auxiliá-los, quando demonstram condições para fazê-lo. Esta crença contraria a percepção dos jovens pesquisados que entendem que os idosos devem sentir-se melhor vivendo na casa de seus filhos 58,57% comparativamente aos que acham que os idosos vivem melhor sozinhos 32,86% ou nas casas de repouso 8,57%.

Por fim, o questionário contemplou uma pergunta com palavras indicativas de possíveis estereótipos positivos ou negativos dos jovens em relação à percepção dos idosos e predominou, dentre as palavras apresentadas, a opinião de que 77,14% dos jovens acreditam que os idosos sejam teimosos; 69,05% acham que sejam sábios, em seguida 63,81% solitários e as demais opiniões estão apresentadas na tabela 01 abaixo.

Tabela I – Crenças de jovens a respeito de idosos

Você considera os idosos na maioria das vezes:		Percentual
Alegre	111	52,86
Solitários	134	63,81
Triste	45	21,43
Teimosos	162	77,14
Agradáveis	114	54,29
Independentes	30	14,29
Dependentes	88	41,9
Sábios	145	69,05
Irritantes	19	9,05
Nostálgicos	112	53,33
Inteligentes	77	36,67
Solidários	93	44,29

Bonitos	37	17,62
Feios	4	1,9
Egoístas	7	3,33

Provavelmente, esta opinião apresentada pela amostra, pode estar relacionada ao fato de termos um grande percentual de jovens que indicaram terem uma prática religiosa com frequência expressiva, além de um grupo, não tão expressivo, exercer o voluntariado, num país onde essa atividade ainda é pouco experienciada pela população, o que revela que possuem crenças em valores humanos que favorecem a uma percepção mais solidária, equilibrada e sensível ao outro.

Conclui-se, portanto, que na investigação realizada os estereótipos dos jovens aparecem de maneira predominantemente positiva em relação ao envelhecimento e aos idosos, não confirmando algumas contribuições teóricas referidas no corpo deste artigo acerca do mito da eterna juventude ou do medo do envelhecimento.

6. Considerações finais

Envelhecer, numa época e num contexto em que ser jovem é a referência para se viver, onde a jovialidade é sinônimo de força, competência, eficiência, felicidade, beleza, dentre outros, torna-se um desafio que provoca a ressignificação constante das metas, dos estilos e das dimensões que se atribui ao curso da vida.

Nesta caminhada, a produção de conhecimento sobre o tema envelhecimento nos âmbitos dos estudos da Gerontologia e Geriatria, avançaram bastante, a partir do final da era moderna e da entrada na contemporaneidade. Envelhecer deixou de ser um bloco monotemático e passou a ter temas multivariados. É possível que uma pessoa envelheça cronologicamente e seja mais jovem do que a sua idade biológica, emocional, cognitiva e socialmente, pois o processo do envelhecimento é dinâmico e não se submete a uma linha reta, mas permite ondulações que correspondem à metáfora de uma espiral, onde se pode conscientemente ir e vir para avançar e buscar recursos em etapas anteriores da vida, quando se faz necessário.

Assim, envelhecer não é sinônimo de adoecer ou demenciar, embora essas circunstâncias possam ocorrer, como ocorrer em outras etapas da vida se a saúde se fragiliza e a doença assume o posto. Envelhecer é viver mais tempo, usufruir da maturidade, da segurança, dos conhecimentos que podem se expressar em momentos de sabedoria, pois há fartura de experiência boas ou ruins, que equilibram esta pessoa rica de convivência com o mundo e tudo que o cerca.

O mito da eterna juventude pode estar contido numa releitura dos novos paradigmas sobre a velhice, pois velhos e jovens podem e devem conviver movidos pelo que a vida pede e não necessariamente, conviver através dos limites que se supõe postos por ela.

Assim, a pesquisa realizada com 210 jovens, relatada neste artigo, evidenciou crenças positivas destes jovens em relação ao envelhecimento e à pessoa idosa, o que ensejou considerar que é salutar reforçar a ideia do encontro intergeracional para dinamizar a convivência interpessoal. Em outras palavras, quebrar paradigmas a respeito das divisões teorizadas sobre ciclos de vida, uma vez que, o idoso conserva sua criança, seu adolescente, seu jovem e seu adulto vivos por mais tempo.

Dentre as limitações, convém mencionar que a pesquisa ora apresentada não considerou duas perguntas abertas contidas no questionário, a saber: “o que falta no Brasil para que a vida da pessoa idosa possa ser melhor?” e “como você gostaria que sua vida fosse quando você ficar idoso?” que contém relatos dos participantes dessa amostra, cuja análise não foi apresentada neste artigo, pois será incluída numa futura proposta temática de artigo, uma vez que se trata de crenças prospectivas destes jovens acerca de seus futuros e das políticas públicas desejáveis para os idosos no país. E alguns indicadores provindos dos

dados sociodemográficos desses participantes favorecem expandir a pesquisa para outras direções, considerando amostras propositalmente definidas conforme perfis específicos, como, por exemplo, jovens ateus e agnósticos, ou que integram programas de ressocialização, jovens em situação de risco social, dentre outros.

Em suma, a literatura sobre o assunto, aliada a indicativos provindos da mídia, tendem a reforçar uma percepção diversa do resultado dessa pesquisa e isso enseja novas investigações sobre o tema, que permitam aprofundar a pesquisa numa perspectiva comparada e que possa coletar dados de amostras diferenciadas, por exemplo, de ateus, agnósticos ou jovens em situação de risco social, dentre outros, de modo a se perceber se há diferença entre as amostras pesquisadas.

Contribuições: Todos os autores participaram da concepção, análise, interpretação dos dados e revisão final do manuscrito.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. **Velhice - uma nova paisagem**. São Paulo. Ágora, 2017.

ARONSO, E.; WILSON, D. T.; AKERT, M. R. **Psicologia Social**. Tradução Ruy Jungmann. Revisão Técnica: Geraldo Jose de Paiva. 3ª edição. Rio de Janeiro: LCT, 2002.

AUDINO, M. C. F. & SCHMITZ, A. Cirurgia plástica e envelhecimento. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/2789>

AUGOUSTINOS, M. & WALKER, I. **Social Cognition: An Integrated Introduction**. SAGE Publications Ltd, London, 1996.

BARROS, F. F. Percepção de envelhecimento pelos idosos e atividade física. 2020. **Universidade de Évora**. Disponível em: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/26862>

BLESSMANN, E. J. **Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice**. 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3105>

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2001.

FONSECA, G. G. P.; PARCIANELLO, M. K.; DIAS, C. F. C. & ZAMBERLAN, C. Qualidade de vida na terceira idade: considerações da enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFSM**. 2013. 3(2), 362-366.

ESTATUTO DO IDOSO: **lei federal nº 10.741, de 01 de outubro de 2003**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741compilado.htm

FECHINE, B. R. A. & TROMPIERI, N. O processo de envelhecimento: as principais alterações que acontecem com o idoso com o passar dos anos. **InterSciencePlace**. 2015. 1 (20), p. 106-132.

FRANKL, V. E. **O que não está escrito nos meus livros: Memórias**. (2a ed.). São Paulo. É Realizações.

2010.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração** (36a ed.). Petrópolis. Vozes. 2014.

FRANKL, V. **Sede de Sentido** (5a ed.). São Paulo. Quadrante. 2016.

DALTO, C. C. O Retrato de Dorian Gray. **Revista Geografia, Literatura e Arte**. 2020. 2(2), 207-209.

GOMES, A. C. S.; LODOVICI, F. M. & FONSECA, S. C. Envelhecimento? O que temos com isso? Algumas considerações sobre o contexto do envelhecimento na sociedade atual. **Revista Longevidade**. n. 51, 2017. Disponível em: <<https://revistalongevidade.com.br/index.php/revistaportal/article/viewFile/640/708>>

GREENSPAN, J. O Mito de Ponce de León e a Fonte da Juventude. A história. **A&E Television Networks**, LLC. 2013. Disponível em: <<http://canfieldla.pbworks.com/w/file/attach/85720777/Fountain%20of%20Youth%20Article.pdf>>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Brasília. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>

KROEFF, P. **Logoterapia e Existência: A importância do Sentido da Vida**. Porto Alegre: Evangraf. 2014.

KRÜGER, H. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In M.E.O. Lima & M. E. Pereira (Orgs.), **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas** (pp. 23-40). Salvador: EDUFBA. 2004.

KRÜGER, H. **Cognição Social: teoria, pesquisa e aplicações** (org). Curitiba. CRV, 2018a.

KRÜGER, H. **Psicologia Social das Crenças**. Curitiba. CRV, 2018b.

LIMOEIRO, B. C. O corpo em foco: envelhecimento e diferenças de gênero na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Todavia**. v. 3, n.5, 69-79, 2012.

MINÓ, N. M. & DE MELLO, R. M. A. V. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**. v.32, n1, 273-298, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/9889>>

MIRANDA, G.; MENDES, A. & DA SILVA, L. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Rev. Bras. Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, 2016. 19(3):507-519 <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150140>, disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/MT7nmJPPrt9W8vndq8dpzDP/?format=pdf&lang=pt>>

MORAGAS, R. M. **Gerontologia Social: Envelhecimento e Qualidade de vida**. São Paulo. Paulinas. 1997. p.283

NELSON, T.D. Ageism: Prejudice Against Our Feared Future Self. *Journal of Social Issues*. vol. 61, No. 2, 2005, pp. 207—221, 2005. Disponível em:

<http://gatherthepeople.org/Downloads/Ageism_Prejudice.pdf>

NERI, A. L. (Org) **Psicologia do Envelhecimento**: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas. Papyrus. 1995. p.276

NERI, A. L. **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 2007.

NERI A. L. Saúde e envelhecimento: prevenção e promoção. As necessidades afetivas dos idosos. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília. 2009. pp. 103-110

NETTO, M. P. & PONTE J. R. Envelhecimento: Desafio na Transição do Século. In: M. P. Netto (Org); **Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada**. (Cap. 01, pp. 03-12) São Paulo: Atheneu. 1996.

OLIVEIRA, A. C. D. A velhice conectada e suas representações na publicidade em vídeo brasileira. 2020. Doctoral dissertation, **Universidade de São Paulo**. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-21022019-144906/pt-br.php>>

OLIVEIRA, M. E; PEREIRA, M.E. (organizadores). **Estereótipos, preconceitos e discriminações**: perspectivas teóricas e metodológicas. Salvador: EDUFBA, 2004.

OPAS- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE /OMS. **Década do Envelhecimento Saudável 2020-2030**. 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-2020-2030>>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Resumo Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde**. 2015. Disponível em: <<https://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>

PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do Envelhecimento. In: M. P. Netto (Org); **Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada**. (Cap. 03, pp. 26-43) São Paulo: Atheneu. 1996.

PASCHOAL, S.M. Envelhecer com dignidade, um direito humano fundamental. **Caderno de violência contra a pessoa idosa**. Secretaria Municipal da Saúde, São Paulo. 2007.

SCHNEIDER, R. H. & IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**. 2008. Campinas, v.25, n.4, pp. 585-593, 2008. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdtHbLvZPLZk8MtMNmZyb/abstract/?lang=pt&format=html>>

SOUZA, C. D. G.; TAVARES, D. I.; ANDRES, S. C.; IBARRO, G. D. S. & PIVETTA, H. M. F. Análise comparativa da autoimagem corporal de idosas casadas e solteiras em grupos de terceira idade. In **Congresso Internacional em Saúde** (No. 8). Publicações eventos. Unijui. 2021.

TORRES, T.; CAMARGO, B.; BOUSFIELD, A. Estereótipos sociais do idoso para diferentes grupos etários. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Jan-Mar 2016, Vol. 32 n. 1, pp. 209-218. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012114209218>, disponível em <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/S4t5hGpYDW CZ776W3jMLmmz/?lang=pt&format=pdf>>

VERAS, R. & LOURENÇO, R. **Formação Humana em Geriatria e Gerontologia: uma perspectiva interdisciplinar.** Rio de Janeiro: UnATI/ UERJ. 2006.

VIANNA, L. C. A idade média: uma reflexão sobre o mito da juventude na cultura de massa (No. 121). **Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia.** 1992.

Recebido em: 15 de agosto de 2021

Aceito em: 5 de setembro de 2021

Endereço para correspondência:

Cléia Zanatta

cleia.zanatta@ucp.br



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)